



Com diploma e

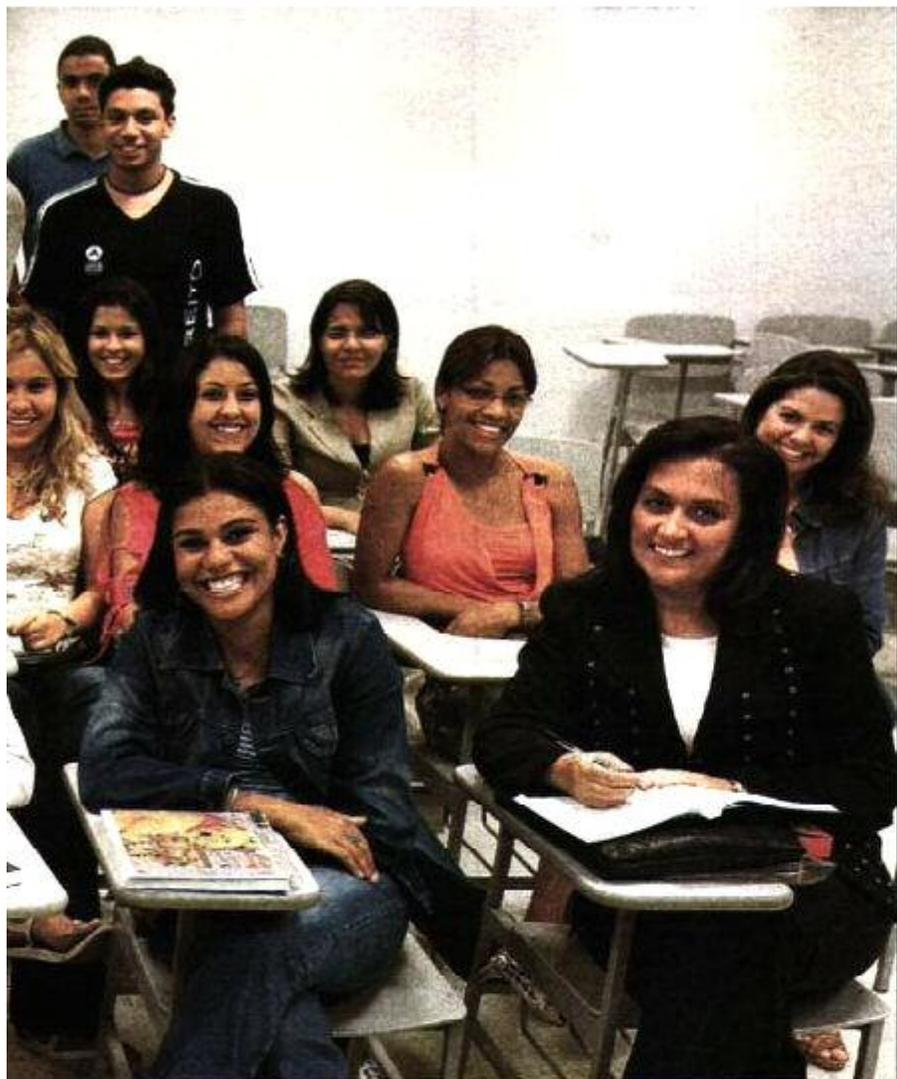
As brasileiras têm mais anos de estudo que os homens. As estatísticas mostram que essa vantagem estimula a solteirice

Cisela Sekoff

A fileira feminina dos estudantes brasileiros tem um currículo admirável. Apesar de terem partido para a conquista de um diploma com um século de desvantagem em relação aos homens, hoje as mulheres possuem, em média, mais anos de escolaridade do que eles (6,7 anos contra 6,4). Segundo dados de 2004, de cada 100 alunos matriculados em universidades brasileiras, 56 eram mulheres. Nos campi universitários, há cerca de meio milhão a mais de moças do que de rapazes — 63% dos diplomas concedidos em 2004 foram para mãos femininas. Elas ocupam

o maior número de carteiras não apenas nos cursos de graduação como também nos de mestrado e doutorado. À medida que amadurecerem no mercado de trabalho, as mulheres vão simplesmente pulverizar a tão comentada diferença salarial em relação a homens que ocupam postos com as mesmas responsabilidades. Por mera dedução matemática, pode-se concluir que, mais preparadas, elas estão cada vez mais aptas a ter carreiras de prestígio, ser financeiramente independentes e eventualmente ocupar altos cargos e receber bons salários. Se isso ajuda profissionalmente — triste ironia —, pode também atrapalhar sentimentalmente. Afinal, com quem uma mulher mais culta, mais bem informada, vai se casar? “É muito difícil admirar uma pessoa que seja menos capaz do que eu, tanto financeira quanto profissional ou culturalmente”, diz a consultora de marketing Maria Lúcia Barros, de 29 anos, duas pós-graduações.

O problema — e quem diria que isso poderia ser chamado de problema? — repercute



ALUNOS DO CURSO DE DIREITO DA FACULDADE ANHEMBI MORUMBI

Turma de alunos do curso de direito da Faculdade Anhembi Morumbi: elas são maioria nas universidades

sem marido

igualmente na outra ponta dos relacionamentos. Na opinião do economista Claudio de Moura Castro, também os homens não estão preparados para lidar com mulheres mais bem-sucedidas do que eles. "Essa realidade pode ser altamente nociva para a estabilidade matrimonial", afirma o especialista em educação. A relação entre escolaridade e solteirismo ainda precisa ser mais bem perscrutada, mas alguns números já atestam que existe uma ligação. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas revela que, entre 1970 e 2000, o número de solteiras de 25 a 29 anos aumentou mais de 20%. "As solitárias tendem a apresentar um nível de escolaridade maior e ter melhores salários em relação à média brasileira", informa Marcelo Neri, chefe do centro de políticas sociais da FGV. Até o início da década de 90, os homens tinham salário médio até 50% maior que o das mulheres. Hoje, essa diferença está perto de 30%. "Estudos mundiais mostram que, quanto maior a renda masculina, mais eles se casam, enquanto com as mulheres

acontece o contrário", afirma Neri. A possibilidade de uma mulher com mais de doze anos de estudo não se casar é 70% maior quando comparada à daquela que não tem instrução nenhuma. Em compensação, as que moram sozinhas ganham em média 62% mais do que as que dividem a casa com um companheiro.

O Brasil jamais teve uma política educacional que buscasse o equilíbrio entre homens e mulheres na divisão dos bancos escolares. A explicação mais provável para o fenômeno da hipertrofia na formação feminina é econômica e cultural. "A sociedade considera que a tarefa de auxiliar no sustento da família cabe mais aos meninos do que às meninas", lembra Dilvo Ristoff, diretor de estatísticas e avaliação da educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Segundo especialistas, é provável que essa necessidade social esteja associada à evasão escolar precoce e à repetência, que é maior entre os rapazes. Os dados gerais sobre esco-

Elas estão em todas

Veja a participação feminina em algumas profissões

Advogados

33% 44%



1990 2002

Médicos

32% 40%



1990 2002

Arquitetos

48% 56%



1990 2002

Engenheiros

11% 14%



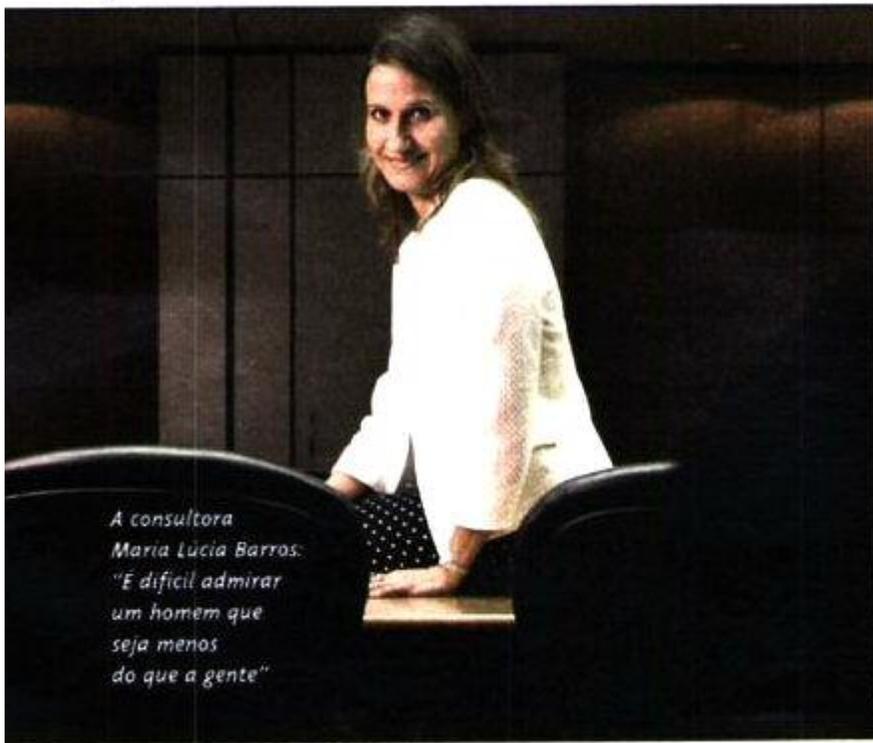
1990 2002

Juízes

20% 33%



1990 2002



ANDERSON SCHNEIDER

laridade feminina e masculina mudaram nos últimos tempos, dando vantagem numérica às moças, mas a repartição dos gêneros por cursos pouco se alterou. A maioria dos diplomas da área de humanas continua indo parar nas mãos das mulheres e os da área de exatas, nas dos homens. Segundo o Inep, os cursos predominantemente femininos são nutrição, fonoaudiologia, pedagogia, psicologia e enfermagem. Os mais masculinos, engenharia e computação. "As mulheres preferem não disputar em carreiras ditas masculinas, pois muitas acreditam que teriam de ser muito melhores que eles para conseguir destaque", conclui Cristina Bruschini, coordenadora da equipe dos estudos de gênero da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo. Mas, aos poucos, porém, o cenário muda. O número de mulheres nas faculdades de engenharia e de medicina aumentou cerca de 30% entre 1990 e 2002. Aguardemos as estatísticas dos próximos anos para saber se essas engenheiras e médicas terão com quem comemorar suas conquistas ou se terão de brindar sozinhas. ♦